

## REFLEXÃO<sup>1</sup>

### Friedrich Hölderlin

Tradução de André Felipe Gonçalves Correia<sup>2</sup>

Existe graus de entusiasmo. Do deleite, que é o mais baixo, até o entusiasmo do comandante em meio à batalha, que, com prudência, conserva o gênio poderoso, há uma escadaria infinita. Subi-la e descê-la é a vocação e o deleite do poeta.

---

Há inversões das palavras no período. Maior e mais operante tem de ser então também a própria inversão dos períodos. A posição lógica dos períodos, em que do fundamento (do período-fundamental) segue-se o devir, do devir segue-se a meta, da meta segue-se a finalidade, em que as orações subordinadas estão sempre atreladas e no encaixe das orações principais, sobre as quais elas antes de tudo se referem, – é, por certo, algo de que apenas muito raramente se utiliza ao poeta.

---

A medida de entusiasmo que é dada a cada indivíduo conserva a ponderação ainda em graus necessários, de modo que um tal a mantém junto ao fogo mais intenso e um outro apenas ao fogo mais fraco. Lá onde a sobriedade te abandona, lá é o limite de teu entusiasmo. O grande poeta nunca se abandona, por mais que possa, tanto quanto quiser, elevar-se sobre si mesmo. Pode-se *cair* no elevado tanto quanto na profundidade. O último impede a elasticidade do espírito, o primeiro obsta a força de gravidade, que se encontra no sóbrio ponderar. Quando o sentimento está ajustado, cálido, límpido e potente, ele é, a bem dizer, a melhor sobriedade e ponderação do poeta. Ele é a rédea e a espora para o espírito. Mediante calor, o sentimento impulsiona o espírito adiante, mediante delicadeza, justeza e limpidez, o sentimento prescreve ao espírito os limites e o contém, para que ele não se perca; e assim é ao mesmo tempo entendimento e vontade. Caso seja muito delicado e brando, tornar-se-á mortal, um verme roedor. Caso o espírito se limite, o sentimento sentirá a barreira momentânea de maneira por demais ansiosa, e tornar-se-á cálido em

---

<sup>1</sup> Texto datado de 1799. Segundo o editor da obra completa de Hölderlin, Friedrich Beissner, os temas do texto foram misturados intencionalmente pelo autor, como modelo impresso pretendido.

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia pela UFRJ (felgorreia@hotmail.com). Bolsista CNPq.

excesso, perderá a limpidez e impulsionará o espírito ao ilimitado com uma incompreensibilidade irrequieta. Sendo o espírito mais livre, e elevando-se por instantes sobre regra e matéria, teme o sentimento de modo igualmente ansioso o perigo de que o espírito se perca, tal como temera anteriormente a delimitação, e torna-se, assim, gélido e surdo, definha o espírito, corroborando sua queda e estagnação, assim como seu desgaste em dúvida supérflua. Uma vez que o sentimento encontra-se assim tão debilitado, o poeta nada pode fazer de melhor além de, uma vez que o conhece, não se deixar assustar por ele de maneira alguma, e o sentimento só então notará que o poeta de algum modo prossegue mais contido e serve-se tão fácil quanto possível do entendimento a fim de corrigir instantaneamente o sentimento, seja ele limitador ou libertador; e quando o poeta tem ajudado assim a si repetidas vezes, volta a dar ao sentimento a segurança natural e a consistência. O poeta tem de se habituar, aliás, a não querer atingir em momentos singulares o todo a que se propõe e a suportar a incompletude do instante; que ele ultrapasse a si mesmo de um instante para o outro, esse tem de ser o seu prazer, – *na medida e no modo em que a coisa o exige* –, até ganhar ao fim o tom principal de seu todo. Entretanto, ele não tem de pensar que pode ultrapassar a si mesmo apenas num *crescendo* do mais fraco para o mais forte, assim tornar-se-á inautêntico e tensionar-se-á sobremaneira; ele tem de sentir que ganha em leveza o que perde em significância, que a tranquilidade já substituíra a veemência, e o tino substituíra a impetuosidade, destarte, não dar-se-á na marcha de sua obra um tom necessário sequer que, em certa medida, não ultrapasse o precedente; e apenas porque o todo está composto deste modo e não de um outro é que o tom dominante será tal como é.

---

A mais verdadeira verdade é, unicamente, aquela em que também o erro se torna verdade, porquanto ela o instala no todo de seu sistema, o coloca em seu tempo e em seu posto. Ela é a luz que ilumina a si mesma e também a noite. Isso também é a mais elevada poesia, na qual mesmo o apoético se torna poético, dado que, no todo da obra de arte, é dito no tempo certo e no lugar certo. Mas, para isso, um conceito mais veloz é sumamente necessário. Como tu poderias empregar a coisa no tempo certo, se perante ela ainda te intimidas e não sabes o quanto nela há e o que dela se pode fazer? É uma eterna jovialidade, uma alegria dos deuses, que se coloque todo o singular no lugar do todo a que

pertence; por isso que sem entendimento, e sem um sentimento organizado de cabo a rabo, excelência alguma se verifica, vida alguma.

---

O homem tem então de perder em destreza de força e de tino o que ele ganha em abrangência de espírito? Ora, um não é nada sem o outro!

---

A partir da alegria, tens de entender de todo o puro, os homens e os outros seres, conceber »tudo o que há de essencial e de característico« nos mesmos, reconhecer todas as relações uma após a outra, e repetir para si a conexão de seus componentes até que novamente a viva intuição, *de maneira ainda mais objetiva*, desponte do pensamento, a partir da alegria e antes de a escassez se introduzir. O entendimento, oriundo da mera escassez, é sempre unilateral e oblíquo.

O amor, em contrapartida, se embrenha na descoberta com gosto e delicadeza (quando o ânimo e o tino não são tornados tímidos e turvados mediante um duro destino e uma moral de monge) e não gosta de deixar passar coisa alguma; ele sente e intui o todo de modo tanto mais íntimo unicamente onde encontra os chamados erros e falhas (partes que, no que são, ou mediante seu lugar e movimento, se arredam por instantes do tom do todo). Por isso que todo conhecimento deveria principiar pelo estudo do belo. E muito teria a ganhar aquele que pudesse entender a vida sem lamentar. Ademais, também a exaltação e a paixão são coisas boas, assim como a devoção que não se apraz em tocar a vida e a conhecê-la, e ainda o desespero, quando a própria vida desponta de sua infinitude. O sentimento profundo da finitude, da mudança, de sua delimitação temporal inflamam o homem de maneira tal que ele tenta e exercita sobremodo todas as suas forças e não se deixa cair na ociosidade, luta-se longamente com quimeras até que finalmente se encontre de novo algo verdadeiro e real para o conhecimento e para a ocupação. Em tempos favoráveis, são raros os exaltados. Mas, quando o homem carece de objetos grandiosos e puros, ele então cria um fantasma qualquer, seja disso ou daquilo, e cerra os olhos, de maneira a poder se interessar por ele e por ele viver.

---

Tudo depende de que os excelentes não distanciem de si em demasia o inferior, assim como os belos, o bárbaro, e que também não se misturem em excesso; *que reconheçam a distância que há entre uns e outros de modo determinado e sem martírio, e que produzam e aguentem a partir desse reconhecimento*. Quando se isolam em excesso, a produtividade é perdida e eles sucumbem em sua solidão. Quando se misturam em excesso, também não se afigura como possível nenhuma produtividade adequada, pois, ou falam e agem uns contra os outros como contra seus-iguais, ignorando o ponto que lhes falta e o local de onde têm de ser apreendidos, ou se dirigem sobremaneira para esse ponto e repetem o mau hábito que deveriam purificar. Em ambos os casos, eles nada produzem e têm de cessar, ou porque sempre se manifestam sem ressonância alguma, e acabam permanecendo isolados com todos os seus esforços e rogos, ou porque, de modo por demais subserviente, acomodam em si o estranho e vulgar, e acabam se sufocando.

## REFLEXION

### Friedrich Hölderlin

Es gibt Grade der Begeisterung. Von der Lustigkeit an, die wohl der unterste ist, bis zur Begeisterung des Feldherrn, der mitten in der Schlacht unter Besonnenheit den Genius mächtig erhält, gibt es eine unendliche Stufenleiter. Auf dieser auf- und abzusteigen, ist Beruf und Wonne des Dichters.

---

Man hat Inversionen der Worte in der Periode. Größer und wirksamer muß aber dann auch die Inversion der Perioden selbst sein. Die logische Stellung der Perioden, wo dem Grunde (der Grundperiode) das Werden, dem Werden das Ziel, dem Ziele der Zweck folgt, und die Nebensätze immer nur hinten an gehängt sind an die Hauptsätze, worauf sie sich zunächst beziehen, – ist dem Dichter gewiß nur höchst selten brauchbar.

---

Das ist das Maß Begeisterung, das jedem Einzelnen gegeben ist, daß der eine bei größerem, der andere nur bei schwächerem Feuer die Besinnung noch im nötigen Grade behält. Da wo die Nüchternheit dich verläßt, da ist die Grenze deiner Begeisterung. Der

große Dichter ist niemals von sich selbst verlassen, er mag sich so weit über sich selbst erheben, als er will. Man kann auch in die Höhe *fallen*, so wie in die Tiefe. Das letztere verhindert der elastische Geist, das erstere die Schwerkraft, die in nüchternem Besinnen liegt. Das Gefühl ist aber wohl die beste Nüchternheit und Besinnung des Dichters, wenn es richtig und warm und klar und kräftig ist. Es ist Zügel und Sporn dem Geist. Durch Wärme treibt es den Geist weiter, durch Zartheit und Richtigkeit und Klarheit schreibt es ihm die Grenze vor und hält ihn, daß er sich nicht verliert; und so ist es Verstand und Wille zugleich. Ist es aber zu zart und weichlich, so wird es tötend, ein nagender Wurm. Begrenzt sich der Geist, so fühlt es zu ängstlich die augenblickliche Schranke, wird zu warm, verliert die Klarheit, und treibt den Geist mit einer unverständlichen Unruhe ins Grenzenlose; ist der Geist freier, und hebt er sich augenblicklich über Regel und Stoff, so fürchtet es eben so ängstlich die Gefahr, daß er sich verliere, so wie es zuvor die Eingeschränktheit fürchtete, es wird frostig und dumpf, und ermattet den Geist, daß er sinkt und stockt, und an überflüssigem Zweifel sich abarbeitet. Ist einmal das Gefühl so krank, so kann der Dichter nichts bessers, als daß er, weil er es kennt, sich, in keinem Falle, gleich schrecken läßt von ihm, und es nur so weit achtet, daß er etwas gehaltner fortfährt, und so leicht wie möglich sich des Verstands bedient, um das Gefühl, es seie beschränkend oder befreiend, augenblicklich zu berichtigen, und wenn er so sich mehrmal durchgeholfen hat, dem Gefühle die natürliche Sicherheit und Konsistenz wiederzugeben. Überhaupt muß er sich gewöhnen, nicht in den einzelnen Momenten das Ganze, das er vorhat, erreichen zu wollen, und das augenblicklich Unvollständige zu ertragen; seine Lust muß sein, daß er sich von einem Augenblicke zum andern selber übertrifft, *in dem Maße und in der Art, wie es die Sache erfordert*, bis am Ende der Hauptton seines Ganzen gewinnt. Er muß aber ja nicht denken, daß er nur im crescendo vom Schwächern zum Stärkern sich selber übertreffen könne, so wird er unwahr werden, und sich überspannen; er muß fühlen, daß er an Leichtigkeit gewinnt, was er an Bedeutsamkeit verliert, daß Stille die Heftigkeit, und das Sinnige den Schwung gar schön ersetzt, und so wird es im Fortgang seines Werks nicht einen notwendigen Ton geben, der nicht den vorhergehenden gewissermaßen überträfe, und der herrschende Ton wird es nur darum sein, weil das Ganze auf diese und keine andere Art komponiert ist.

Nur das ist die wahrste Wahrheit, in der auch der Irrtum, weil sie ihn im Ganzen ihres Systems, in seine Zeit und seine Stelle setzt, zur Wahrheit wird. Sie ist das Licht, das sich selber und auch die Nacht erleuchtet. Dies ist auch die höchste Poesie, in der auch das Unpoetische, weil es zu rechter Zeit und am rechten Orte im Ganzen des Kunstwerks gesagt ist, poetisch wird. Aber hiezu ist schneller Begriff am nötigsten. Wie kannst du die Sache am rechten Ort brauchen, wenn du noch scheu darüber verweilst, und nicht weißt, wie viel an ihr ist, wie viel oder wenig daraus zu machen. Das ist ewige Heiterkeit, ist Gottesfreude, daß man alles Einzelne in die Stelle des Ganzen setzt, wohin es gehört; deswegen ohne Verstand, oder ohne ein durch und durch organisiertes Gefühl keine Vortrefflichkeit, kein Leben.

---

Muß denn der Mensch an Gewandtheit der Kraft und des Sinnes verlieren, was er an vielumfassendem Geiste gewinnt? Ist doch keines nichts ohne das andere!

---

Aus Freude mußst du das Reine überhaupt, die Menschen und andern Wesen verstehen, »alles Wesentliche und Bezeichnende« derselben auffassen, und alle Verhältnisse nacheinander erkennen, und ihre Bestandteile in ihrem Zusammenhange so lange dir wiederholen, bis wieder die lebendige Anschauung *objektiver* aus dem Gedanken hervorgeht, aus Freude, ehe die Not eintritt, der Verstand, der bloß aus Not kommt, ist immer einseitig schief.

Da hingegen die Liebe gerne zart entdeckt, (wenn nicht Gemüt und Sinne scheu und trüb geworden sind durch harte Schicksale und Mönchsmoral,) und nichts übersehen mag, und wo sie sogenannte Irren oder Fehler findet, (Teile, die in dem, was sie sind, oder durch ihre Stellung und Bewegung aus dem Tone des Ganzen augenblicklich abweichen,) das Ganze nur desto inniger fühlt und anschaut. Deswegen sollte alles Erkennen vom Studium des Schönen anfangen. Denn der hat viel gewonnen, der das Leben verstehen kann, ohne zu trauern. Übrigens ist auch Schwärmerei und Leidenschaft gut, Andacht, die das Leben nicht berühren, nicht erkennen mag, und dann Verzweiflung, wenn das Leben selber aus seiner Unendlichkeit hervorgeht. Das tiefe Gefühl der Sterblichkeit, des Veränderns, seiner

zeitlichen Beschränkungen entflammt den Menschen, daß er viel versucht, übt alle seine Kräfte, und läßt ihn nicht in Müßiggang geraten, und man ringt so lange um Chimären, bis sich endlich wieder etwas Wahres und Reelles findet zur Erkenntnis und Beschäftigung. In guten Zeiten gibt es selten Schwärmer. Aber wenns dem Menschen an großen reinen Gegenständen fehlt, dann schafft er irgend ein Phantom aus dem und jenem, und drückt die Augen zu, daß er dafür sich interessieren kann, und dafür leben.

---

Es kommt alles darauf an, daß die Vortrefflichen das Inferieure, die Schöneren das Barbarische nicht zu sehr von sich ausschließen, sich aber auch nicht zu sehr damit vermischen, *daß sie die Distanz, die zwischen ihnen und den andern ist, bestimmt und leidenschaftlos erkennen, und aus dieser Erkenntnis wirken, und dulden*. Isolieren sie sich zu sehr, so ist die Wirksamkeit verloren, und sie gehen in ihrer Einsamkeit unter. Vermischen sie sich zu sehr, so ist auch wieder keine rechte Wirksamkeit möglich, denn entweder sprechen und handeln sie gegen die andern, wie gegen ihresgleichen, und übersehen den Punkt, wo diesen es fehlt, und wo sie zunächst ergriffen werden müssen, oder sie richten sich zu sehr nach diesen, und wiederholen die Unart, die sie reinigen sollten, in beiden Fällen wirken sie nichts und müssen vergehen, weil sie entweder immer ohne Widerklang sich in den Tag hinein äußern, und einsam bleiben mit allem Ringen und Bitten oder auch, weil sie das Fremde, Gemeinere zu dienstbar in sich aufnehmen und sich damit ersticken.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Hrsg. von F. Beissner (ed.). Stuttgart Kohlhammer, 1958.

## O SIGNIFICADO DAS TRAGÉDIAS<sup>3</sup>

**Friedrich Hölderlin**

Tradução de André Felipe Gonçalves Correia<sup>4</sup>

O significado das tragédias é compreendido mais facilmente a partir do paradoxo. Dado que toda aptidão é repartida com justiça e igualdade, tudo o que é originário aparece não na força originária, mas sim em sua fraqueza, de modo que a *luz da vida* e o *aparecimento* correspondem propriamente à fraqueza de cada todo. No trágico, o símbolo em si mesmo é insignificante, inoperante, enquanto que o originário irrompe de imediato. É que, propriamente, o originário apenas em sua fraqueza pode aparecer; todavia, na medida em que o símbolo em si mesmo é posto como um insignificante = o, pode o originário, o fundamento oculto de toda natureza, também se apresentar. Se a natureza apresenta-se propriamente em sua mais fraca dádiva, então o símbolo, quando ela se apresenta em sua mais forte dádiva, é = o.

## DIE BEDEUTUNG DER TRAGÖDIEN

**Friedrich Hölderlin**

Die Bedeutung der Tragödien ist am leichtesten aus dem Paradoxon zu begreifen. Denn alles Ursprüngliche, weil alles Vermögen gerecht und gleich geteilt ist, erscheint zwar nicht in ursprünglicher Stärke, sondern eigentlich in seiner Schwäche, so daß recht eigentlich das Lebenslicht und die Erscheinung der Schwäche jedes Ganzen angehört. Im Tragischen nun ist das Zeichen an sich selbst unbedeutend, wirkungslos, aber das Ursprüngliche ist gerade heraus. Eigentlich nämlich kann das Ursprüngliche nur in seiner Schwäche erscheinen, insofern aber das Zeichen an sich selbst als unbedeutend = o gesetzt wird, kann auch das Ursprüngliche, der verborgene Grund jeder Natur sich darstellen.

---

<sup>3</sup> O texto fora concebido entre os anos de 1800 e 1803.

<sup>4</sup> Doutorando em Filosofia pela UFRJ (felgorreia@hotmail.com). Bolsista CNPq.

Stellt die Natur in ihrer schwächsten Gabe sich eigentlich dar, so ist das Zeichen, wenn sie sich in ihrer stärksten Gabe darstellt, = o.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Hrsg. von F. Beissner (ed.). Stuttgart Kohlhammer, 1958.

## MAS OS SÁBIOS...<sup>5</sup>

**Friedrich Hölderlin**

Tradução de André Felipe Gonçalves Correia<sup>6</sup>

Mas os sábios, que diferenciam apenas com o espírito, apenas universalmente, apressam-se novamente de volta ao ser puro, e caem em uma indiferença tanto maior, uma vez que acreditam ter diferenciado suficientemente e tomam como algo eterno a não-oposição, para a qual eles retornaram. Eles enganaram sua natureza com o grau mais inferior de efetividade, com a sombra da efetividade, da oposição e diferenciação ideais, e assim sua natureza se vinga [...]

## DIE WEISEN ABER...

**Friedrich Hölderlin**

Die Weisen aber, die nur mit dem Geiste, nur allgemein unterscheiden, eilen schnell wieder ins reine Sein zurück, und fallen in eine um so größere Indifferenz, weil sie hinlänglich unterschieden zu haben glauben, und die Nichtentgegensetzung, auf die sie zurückgekommen sind, für eine ewige nehmen. Sie haben ihre Natur mit dem untersten Grade der Wirklichkeit, mit dem Schatten der Wirklichkeit, der idealen Entgegensetzung und Unterscheidung getäuscht, und sie rächt sich dadurch [...]

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Hrsg. von F. Beissner (ed.). Stuttgart Kohlhammer, 1958.

---

<sup>5</sup> Fragmento incompleto redigido em meio ao projeto da primeira versão de *A morte de Empédocles* (1799). Segundo o editor da obra completa de Hölderlin, Friedrich Beissner, o texto fora dirigido principalmente contra Schelling, e pode ser lido atrelado ao texto *Juízo e Ser* (cf. minha tradução na edição de nº32 da revista *Ítaca*: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/26359>), de Hölderlin, no que tange à crítica à identidade (*Identität*) schellingniana e também fichteana.

<sup>6</sup> Doutorando em Filosofia pela UFRJ (felgorreia@hotmail.com). Bolsista CNPq.